

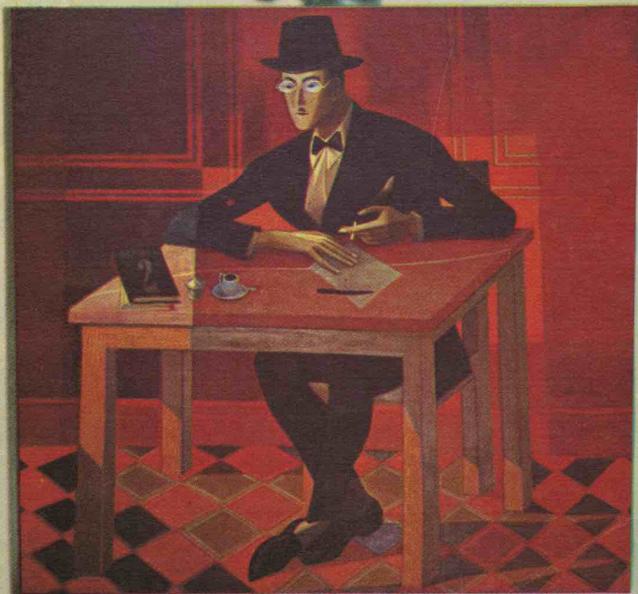
O SÉCULO

Nº 1675 • 7-2-70 • preço 5\$00

# ilustrado



PARA QUEM VAI  
AFINAL  
O "PESSOA"  
DE ALMADA?



# EXTRA



— São mil e duzentos contos... Mil e duzentos, meus senhores. Quem dá mais?

Na vida do sr. Mendonça, leiloeiro profissional, do Soares e Mendonça, um dos mais antigos da praça de Lisboa (quem não conhece?), houve um minuto de «suspense». A própria assistência, que enchia a sala de Os Irmãos Unidos, susteve a respiração. Nunca a obra de um pintor vivo, em Portugal, chegara à verba que o retrato de Fernando Pessoa, pintado por Almada Negreiros, atingira em poucos minutos. «Cinquenta contos» — dissera o primeiro ofertante. «Já tenho 100» — Respondera o leiloeiro. E as ofertas subiram por aí acima até aos 1 200. Foi então que uma voz, da galeria, que até aí se mantivera silenciosa, se fez ouvir, deixando na liça dos principais concorrentes o eng. Duarte Silva, coleccionador bem conhecido, e os antiquários Pereira Coutinho, «Madame» Ortega e Joaquim Mitnitzky:

— Mil duzentos e dez!

Não se sabe porquê, o seu rosto perdeu-se na multidão. Era o sr. António Adolfo de Lima Mayer, que em leilões artísticos costuma defender os gostos e os interesses do industrial Jorge de Mello.

Seguiu-se então um rapidíssimo despique. Mas Joaquim Mitnitzky partira para Os Irmãos Unidos com a intenção de adquirir o quadro e manteve de pé, inabalável, a sua decisão. Em menos de cinco minutos a sorte decidia-se. Por mais dez contos, o sr. Mendonça que ainda há pouco participara, gratuitamente, num leilão de obras de artistas portugueses com o objectivo de angariar fundos para um filme de homenagem a Almada Negreiros, pintor que ele admira entre todos os pintores vivos, entregava ao antiquário-decorador da Calçada de S. Francisco o quadro de Fernando Pessoa pintado por mestre Almada.

— São mil e trezentos contos. Mil e trezentos. Ninguém dá mais? Mil e trezentos uma, e duas, e três. O quadro pertence ao sr. Joaquim Mitnitzky! Os meus parabéns!

O mesmo quadro que há 16 anos o pintor vendera a António Guisado pela módica quantia de 30 contos. O mesmo quadro que a Fundação Gulbenkian há tempos recusara adquirir por 400.

Perceba-se o espanto, se pensarmos que quando há cerca de 1 ano o industrial Manuel Vinhas comprou um álbum de desenhos de Almada por 200 contos muita gente considerou uma exorbitância.

Naturalmente, o quadro dos Irmãos Unidos apresentava um interesse particular. Não estava em causa apenas a personalidade do pintor, mas do retratado, dois nomes qual deles o maior e toda a época que um e outro evocavam: os «estrangeirados» dos anos 20, os modernistas do «Orfeu», esse grupo que nos Irmãos Unidos discutia o que viriam a ser as bases da nova cultura portuguesa. A obra fora já arrolada pelo Estado, o que significava que este detinha, não só o direito da opção, como impedia que algum estrangeiro, mesmo residente no País,

podesse adquiri-lo. A Fundação Gulbenkian mostrara já o seu desinteresse, mandando fazer uma cópia ao próprio autor... O que não invalidava que agora, perante o despiquede outros concorrentes, quizesse fazer valer as suas pretensões, nem que fosse por interposta pessoa. Almada fora, em certa medida, a personalidade do ano, por diversas vezes em foco, na imprensa e na televisão. E depois, havia o facto de o restaurante, de tantas tradições, ir fechar as portas. Mais um... E as pessoas são sensíveis ao adeus às coisas. Em qualquer caso, o preço atingido ultrapassou todas as expectativas, a começar pelas do próprio autor («nunca supuz que a coisa subisse além dos 600») e a acabar no comprador.

— Quando saí do escritório para o leilão ia preparado para chegar até aos 700 contos, o que era, já, um preço muito elevado. O quadro é uma obra maravilhosa, Almada um pintor extraordinário, havia em torno de tudo circunstâncias perfeitamente excepcionais — a personalidade de Pessoa, o «Orfeu», etc. — que nos faziam prever que o preço subisse bastante, mas devo dizer que o preço não fui eu quem o fez... Digamos que eu apenas tomei uma decisão mais forte de o não perder e tive a coragem de chegar tão alto.

Joaquim Mitnitzky, de origem russa e alemã, naturalizado português, chegou a Portugal pouco antes da segunda grande guerra. Era então um garoto como tantos outros, a quem as circunstâncias dramáticas do momento obrigavam a buscar um local onde a vida fosse possível. Em Lisboa estudou. Há cerca de vinte anos abriu, com outros sócios, uma casa de decorações na

«É formidável para Almada ter assistido ao valor que um quadro seu atingiu!»



Rua das Chagas (onde viveu Fernando Pessoa...), a Renaissance. Pouco depois, passou a trabalhar sozinho, associando-se mais tarde a Bernardo Meneses com quem montou um escritório longe da Baixa, em S. Sebastião da Pedreira. Os clientes afluíram. Dois anos depois instalava-se na Calçada de S. Francisco, vindo em seguida a ocupar um prédio inteiro no início da Calçada do Ferragial. O maior antiquário da cidade? É difícil dizê-lo. Ele próprio não se classifica. Certamente, um dos principais, trabalhando para as mais importantes empresas e casas particulares. («Naturalmente, em Portugal, como em quase toda a parte, só as pessoas com dinheiro podem viver confortavelmente.»)

Contactámos Joaquim Mitnitzky no dia seguinte ao famoso leilão. Recebeu-nos no seu escritório, alcatifado a verde, com pequenos tapetes preciosos, móveis ricos mas sóbrios, desenhos, pinturas nas paredes. («Este é um Silva Porto, este um Keil.») O decorador é um apreciador de pintura, mas não tem propriamente uma colecção, embora retenha algumas obras. Mas, em princípio, tudo o que possui está à venda. Por isso mesmo, no que toca ao quadro de Almada Negreiros, Joaquim Mitnitzky não esconde que a intenção da compra é a venda.

— A minha fortuna pessoal não me permite adquirir um quadro tão caro para mim próprio — afirma, embora a compra do mesmo tivesse sido feita, ao que consta, em seu nome pessoal e não da firma que dirige. Significa com isto que tenha já um comprador em vista? Como é natural, as conjecturas são muitas e surgiram espontaneamente quando se viu o quadro atingir uma quantia tão elevada. Parece, não pode deixar de surpreender, que em Portugal alguém se aventure a dar tal importância por uma obra de um pintor vivo não tendo assegurada a sua venda. Supõe-se que o

comprador possa ser intermediário de alguma entidade particular ou oficial que deste modo assegure o anonimato das suas pretensões. Porque, a partir do leilão, a venda pode ser efectuada sem projecção pública. Mas... porque não admitir que Joaquim Mitnitzky é apenas um grande «marchand»? Um negociante de coisas raras e caras, detentor de um mercado considerável, capaz de arriscar na certeza de uma colocação segura? Uma coisa é certa: a compra do quadro de Almada Negreiros vai influir inevitavelmente na subida de cotação da pintura portuguesa. De hoje para o futuro é pouco provável que alguém consiga comprar um Sousa Cardoso por 60 contos, ou até mesmo por 600. E quem tem em casa o seu «Pomar» ou «Menez» ou «Sá Nogueira» ou esteja a pensar em adquiri-los é natural que os passe a olhar com outros olhos... e outra bolsa. Esta é, de resto, a opinião do sr. Mitnitzky, que em breve abrirá uma nova galeria na Rua Vítor Cordon, dois andares com vista para a cidade, até ao rio, onde, além de móveis, exporá pintura.

— Acho que nos últimos anos — diz o sr. Mitnitzky — se nota entre nós uma tendência para valorizar a pintura portuguesa, que, até agora, diga-se em boa verdade, tem sido muito desprezada. Esta mudança de atitude é notória nos últimos dez anos e pode ser demonstrada objectivamente pela abertura de quatro ou cinco galerias numa cidade onde, antes, não existia nenhuma ou nenhuma de grande vulto.

A que atribuir esta subida de interesse pelas obras de arte, em Portugal, País avesso à valorização da criação artística? Mais dinheiro,, mais cultura ou apenas um desejo provinciano de não perder a moda internacional?

— Julgo que o interesse que se verifica é real e resulta da elevação do nível cultural do País. Naturalmente, na medida em que a pintura se valoriza, os compradores têm tendência a descobrir na compra de quadros um meio aconselhável de aplicação de capitais. Aconteceu o mesmo lá fora. As pessoas que compraram os impressionistas por 500 francos vêem-se agora na posse de milhões. Em Portugal começa-se a aprender que estas coisas são assim.

Joaquim Mitnitzky não conhecia pessoalmente Almada Negreiros, embora fosse, de há muito, admirador da sua obra. Visitou-o agora, em sua casa, e confessa-se encantado com o artista e o homem que ele sabe ser, «inteligente, vivo de olhar e de cabeça, espirituoso, sensível, espantosamente jovem».

— Eu não posso afirmar, não tenho competência para o fazer, que Almada é tão grande como Bracque ou Juan Gris, mas acho que é, indubitavelmente, um grande pintor, como o é também Eduardo Viana e outros artistas da mesma época, sem falar já em Malhoa e Silva Porto, que os antecederam.

Joaquim Mitnitzky repele enérgicamente a ideia que represente uma injustiça para o pintor o facto de um quadro, vendido por 30 contos, ser vendido, menos de 20 anos depois, por 1 300. E baseia a opinião na reacção do próprio Almada, que encarou